

É dia de festa: reflexões sobre os movimentos de transformação do Círio de Nazaré e sua relação com o espaço da cidade de Belém/PA¹

I is day of party: reflections on the movements of transformation of the Círio de Nazaré and its relation with the space of the Belém/PA city

Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida*

RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo a Festa de Nazaré, que acontece há mais de duzentos anos na cidade de Belém do Pará, Brasil. O marco de referência na construção desta pesquisa é a década de 70 do século XX, quando a procissão de festividade passa a uma série de modificações. A estrutura organizacional deste artigo é composta de dois capítulos que pretendem discutir a Festa de Nazaré em seu movimento de transformação e sua relação com o espaço da cidade. Também procura mostrar como novas lógicas culturais vão se agregando à Festa e como essas lógicas dialogam entre si e com a própria Festa.

Palavras-chave: Festa de Nazaré. Círio. Luta cultural.

¹ Este artigo é resultante da pesquisa de campo realizada durante meu doutorado em História Social. Maiores informações, ver: ALMEIDA, 2010.

* Professora-pesquisadora na Universidade da Amazônia (Unama), Pará, Brasil. Integra o corpo docente do PPGCLC/Unama. Desenvolve pesquisas sobre festas populares e religiosas, cultura, consumo e comunicação. E-mail: <ivmaxavier@gmail.com>

Data da submissão: 13/novembro/2013.

Data da aprovação: 13/dezembro/2013.

ABSTRACT

This article has as its object of study the Festa de Nazaré, which happens for more than two hundred years in the city of Belém of Pará, Brazil. The landmark of reference in the construction of this research is the seventies of the twentieth century, when the festivity procession starts to suffer a series of modifications. Its organizational structure is composed two chapters, intends to argue the Festa de Nazaré in its movement of transformation and its relation with the space of the city. Also it looks for to show as new cultural logics will be adding to the Feast and how these logics dialogue with each other and with own Feast.

Keywords: Feast of Nazaré. Círio. Cultural fight.

Introdução

O Círio de Nazaré, tema central deste artigo, é uma festa que ocorre, anualmente, na cidade de Belém do Pará, mais especificamente no segundo domingo do mês de outubro. Sua estrutura ritualística tem suas origens no catolicismo devocional que surge em Portugal por volta do século XV (COELHO, 2001), como reflexo das devoções marianas.

A Santa louvada no Círio de Nazaré, em Belém, é a Nossa Senhora de Nazaré, que, até o final do século XIX, era chamada de Nossa Senhora de Nazaré do Desterro. Conforme indicam os vários estudos (VIANNA, 1904; DUBOIS, 1953; CRUZ, 1967; MOREIRA, 1971; e ROQUE, 1974), até 1789, à Festa em louvor a Nossa Senhora de Nazaré era marcada por ladainhas e novenas no local do achado da Santa. Todavia, em 1790, a Igreja católica autoriza a realização da festa pública em homenagem à Virgem de Nazaré, marcando, a partir de então, a oficialização, por parte da Santa Sé, da Festa de Nazaré. A primeira procissão, ou o primeiro Círio oficial, ocorreu em 1793, a mando do então presidente da Província, em agradecimento por graça alcançada.

A partir da “oficialização” do Círio pela Santa Sé, a estrutura ritualística da festa passa a ser assumida pela Igreja católica, inclusive com a introdução de alguns dos símbolos sacros mantidos até hoje, como é o caso da berlinda,² da corda,³ do barco dos anjos e do carro dos milagres.⁴

² A berlinda foi introduzida no Círio de 1855 nos moldes dos carros europeus. A Santa era carregada no colo por um representante eclesiástico e era puxada por animais. Em 1880 o Bispo Dom Macedo Costa mandou preparar uma nova que levasse a imagem sozinha. Em 1925 Dom Irineu decide transformá-la em andor. Somente em 1931 volta a ser berlinda. Em 1963 a berlinda

De acordo com o historiador Roque (1974), Círio vem do latim *Cereus*, que, etimologicamente, significa “grande vela”, e, em Portugal e no Pará, é a designação dada às romarias e procissões. Os diversos estudos produzidos por historiadores e memorialistas (VIANNA, 1904; DUBOIS, 1953; CRUZ, 1967; MOREIRA, 1971; ROQUE, 1974) sobre o Círio concordam com a tese de que a Festa de Nazaré é resultado do processo de catequização dos índios Tupinambá pelos padres jesuítas, os quais trouxeram, em sua bagagem, a devoção à Nossa Senhora. Devoção esta sustentada pela narrativa mítica do achado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré pelo personagem Plácido, o típico caboclo – pobre e humilde – representante da classe pauperizada e desprovida de bens materiais, que compunha parcela significativa da população da Província de Belém do Grão Pará oitocentista.

Nas interpretações sobre os sentidos da festa, o embate entre catolicismo eclesial e catolicismo devocional tem sido destacado por autores como Roque (1974), Maués (1995) e Coelho (2001), como uma constante no Círio de Nazaré. Nos estudos sobre a história da festa, ao longo de mais de dois séculos, destacam-se vários conflitos e tensões entre a elite eclesial, o Estado, a diretoria da festa e devotos da Santa.

Do primeiro Círio até o tempo presente, muita coisa mudou. Talvez a única permanência ritualística seja a relação simbólica que o devoto-promesseiro mantém com a Virgem de Nazaré. E, ao longo desses mais de dois séculos de existência, a amplitude social e territorial da Festa, sua estrutura simbólica e ritualística, sua estrutura organizativa, assim como o ritmo e o tempo destinado à sua feitura vêm sofrendo constantes alterações.

Imagine o leitor a seguinte cena: é domingo, mas não um domingo qualquer. É o segundo domingo de outubro, e, em Belém do Grão Pará, essa data é tida como sinônimo de Círio, ou seja, de Festa de Nazaré.

Após a missa matinal celebrada pelo Arcebispo Metropolitano de Belém, por volta das sete horas, tem início o grande cortejo. Milhares de pessoas avolumam-se, disputando cada palmo do chão de asfalto das ruas de Belém.

de madeira é substituída por uma de ferro e cristal. É um dos maiores signos religiosos da Festa de Nazaré. (Fonte: <www.ciriodenazaré.br>. Acesso em: 25 jun. 2008).

³ A corda que sustenta a fé na padroeira dos paraenses possui em média 400 metros de comprimento e pesa aproximadamente 700 quilos. É construída em sisal torcido e incorporada à celebração em 1868 em substituição à junta de bois que conduzia a santa em sua berlinda. Em 2005, a direção da festa alterou o formato original da corda, agora desatrelada da berlinda e em formato de um grande terço. (Fonte: Pesquisa de campo. Agosto/2007).

⁴ Ao todo, são 13 carros distribuídos no cortejo do Círio: Carro dos Milagres, Carro do caboclo Plácido, Barca dos Escoteiros, Barca Nova, Carro do Anjo Custódio, Barca das Velas, Carro do Anjo Protetor da Cidade, Barca Portuguesa, Carro dos Anjos I, Barca dos Remos, Carro dos Anjos II, Carro da Santíssima Trindade e o Cesto das Promessas. Estes Carros são conduzidos por integrantes da “Guarda da Santa” e seguem à frente da berlinda. Em seu interior são depositados ex-votos, ou seja, o pagamento das promessas feitas à Nossa Senhora de Nazaré. (ALMEIDA, 2010).

Lentamente, o cortejo vai se movimentando, obedecendo ao ritmo imposto pelos promesseiros que puxam a corda. Rostos suados, cansados e sofridos são conduzidos por pés descalços, os quais, a passos miúdos, executam movimentos cadenciados. É exatamente nesse espaço social que o sentimento de devoção e fé à Nossa Senhora de Nazaré materializa-se por meio da ação do sacrifício de puxar a corda, que, simbolicamente, conduz a Santa, em sua berlinda, até a Basílica Santuário.

Misturados à multidão, caminhando no mesmo sentido, ou em sentido contrário, centenas de vendedores ambulantes disputam a atenção para a venda de seus produtos (água mineral, refrigerantes e cervejas). Ainda nas transversais das ruas por onde se desenvolve o cortejo, pagadores de promessas distribuem água mineral. Outros distribuem pequenas réplicas da Santa ou “santinhos” contendo a imagem do santo devoto e sua oração. O rico colorido dos estandartes, que carregam uma diversidade enorme de brinquedos e objetos de Miriti,⁵ é levado durante toda a extensão do cortejo por vendedores ambulantes. A venda das famosas fitinhas coloridas contendo a frase *Lembrança do Círio de Nossa Senhora de Nazaré*, além dos terços de contas e cores variadas, completa o cenário da festa, que o escritor paraense Jurandir (1960) denominou de *Carnaval Devoto*.

A cena ilustrada acima serve para descrever o processo ritualístico presente na Festa do Círio, e, à primeira vista, serve, também, para exemplificar imagens presentes no imaginário de qualquer pessoa que já viu o Círio ou dele ouviu falar.

Agora imagine o leitor a continuação dessa cena em um Círio específico, o do ano de 2004. Em meio às pessoas que acompanham a procissão, está uma mulher, descalça, vestida com uma camiseta com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Na mão direita, possui um terço, e, na esquerda, um celular. Ela acompanha quase todo o percurso da procissão, falando, animadamente, com alguém ao telefone. Mas não é uma conversa qualquer. Ela está *narrando* o Círio para a sua irmã, Maria Izabel, que, naquele exato momento, está há quilômetros de distância de Belém e, por conseguinte, do Círio. Mas o curioso dessa narrativa é que Maria Izabel, mesmo estando em Vitória (ES), consegue *pagar* a sua promessa à Virgem de Nazaré:

⁵ Produto tropical extraído de várzeas e beiras de igarapés amazônicos, a palmeira *aurita flexuosa* recebe o nome vulgar de Miritizeiro ou Buritizeiro. Tem várias utilidades. Do broto ou grelo tira-se a fibra que serve para tecer redes artesanais, tapetes, bolsas e ainda para esculpir brinquedos com formas variadas: barcos, cobras, araras, jacarés, tatus, soca-socas, dentre outros.

[...] Eu ainda não tinha vivido essa experiência. Mas sabia que, mais cedo ou mais tarde, meu marido seria transferido. Em 2004, quando a minha primeira filha nasceu, em março, a Camila estava com três meses, e ele foi transferido para Vitória. Foi difícil a adaptação, mas o mais difícil na minha cabeça era ficar longe do Círio, de minha adorada Santa [...] Ainda mais difícil porque eu tinha promessa para pagar e não sabia se ia dar para vir para Belém... Mas, quando chegou outubro e meu marido disse que não daria para a gente ir para o Círio, eu chorei muito. [...] No segundo domingo, bem cedo, saí de casa e fiquei ligando de meu celular para a minha irmã que estava acompanhando o Círio, e ela ia me dizendo tudo que estava vendo e ouvindo... No meu MP3, eu tinha gravado todas as músicas do Círio, e eu ia escutando. E fiquei assim, andando pelas ruas, escutando as músicas e sentindo o cheiro das flores que enfeitavam a berlinda. E, quando vi, minha irmã do outro lado disse: “mana, tu já viste que estás pagando tua promessa?” Eu tomei um susto e fiquei surpresa de ver que era verdade. [...] Eu ria e chorava, aliviada e agradecida.⁶

A narrativa de Maria Izabel é bastante significativa, sobretudo porque a narradora consegue, fazendo uso de um dos mais expressivos signos da modernidade – o celular –, conectar-se com a festa e com a Santa, mesmo estando a léguas e léguas de distância. Todavia, esse fato só encontra amparo na contemporaneidade da festa, porque esta e a cidade que a abriga articulam-se às transformações dos modos de viver e, principalmente, do avanço da cultura de massa e da emergência de novas tecnologias no final do século XX.

Nesse sentido, o marco de referência para a construção deste artigo passa a ser a década de 70 do século XX, período que coloca o Círio na mídia, sobretudo a televisiva, quando a procissão passa a ser transmitida, ao vivo e em cores, para boa parte das localidades do Estado do Pará. Nesse período, interessa problematizar as transformações e atualizações da festa frente aos fortes desafios colocados por sua integração à dinâmica da cultura de massa na contemporaneidade, sua crescente articulação aos circuitos dos meios de comunicação, a indústria do turismo, as novas linguagens da cultura e os novos modos de viver da Belém metropolizada.

Ao observar o Círio na contemporaneidade, algumas questões emergem no que se refere ao espaço social onde a festa é pensada, executada e vivida por diferentes sujeitos sociais na cidade de Belém. Em outras palavras: Que mudanças são observadas na cidade a partir desse período? A partir de que momento, nesta sua fase atual, e com que significados sociais a inclusão

⁶ Maria Izabel Soares, 39 anos, casada, paraense e devota de Nossa Senhora de Nazaré. Entrevista concedida, em sua residência, em 3 de outubro de 2006.

de novos signos e de novas lógicas culturais começa a se agregar à festividade, estimulando e intensificando sua(s) (re)invenção(ões)?

É esse mosaico que hoje compõe a Festa do Círio, ou Festa de Nazaré, que leva a indagações sobre as interpretações que enfatizam o espaço da Festa como expressão da unidade social. Pelo menos na contemporaneidade, muito embora os autores pesquisados a definam como potencialmente geradora de sentimentos de solidariedade (ALVES, 1980) e de identidade cultural (MAUÉS, 1995), por se constituir em um mosaico composto de diferentes sentidos, sentimentos e emotividades, sua permanência e vitalidade – que já tem mais de duzentos anos de existência – provocam a reflexão, colocando em pauta a lógica da diferença.

Nesse contexto, o constante processo de (re)significação do Círio traz consigo novas dimensões para essa festividade, visto que ela passa a dialogar com vários aspectos culturais, com diferentes olhares acerca do fazer-se e do sentir-se a festa, como é o caso das recentes práticas do catolicismo devocional, das festas populares embaladas pelas poderosas aparelhagens de sons que animam os romeiros, promesseiros e devotos nos bairros periféricos da cidade.

Ao lado dessas manifestações, outras também são incorporadas, no sentido de reforçar aspectos da cultura sacra, como é o caso das “novas” procissões incorporadas ao calendário oficial do Círio, a exemplo do Círio Fluvial, da Procissão dos Motoqueiros, do Círio das Crianças. Essas manifestações culturais estão diretamente vinculadas ao catolicismo sacramental e à elite dirigente (eclesiástica e laica) da festividade. Todavia, ao mesmo tempo em que elas podem ser pensadas e consideradas como relacionadas ao campo mais oficializado, deve-se também considerar suas articulações à cultura de massas e ao campo popular/massivo. (MARTIN-BARBERO, 2006). Tais indagações são sugeridas, por exemplo, por materiais nos quais a imagem da Santa, associada a propagandas e anúncios de serviços, é capaz de “vender” a festa e, fundamentalmente, vender os produtos a ela vinculados. Nesse aspecto, é a cultura de massas que parece propor uma nova estética visual à própria festa e, também, à cidade como um todo.

Ao procurar analisar a festa e sua relação com a cidade, percebo-a como o momento da *articulação de diferenças culturais*, ou melhor dizendo, o *entre-lugar* que fornece o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular e coletiva – “que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação” (BHABHA, 2007, p. 20), no ato de definir a própria ideia de devoção e fé contida na Festa do Círio.

Ao lado de Bhabha (2007), também Hall (2006) tem possibilitado a análise do movimento gerador de diferentes subjetividades acerca dos sentidos da festa, por meio do conceito de *dialética da luta cultural*.

Nesse sentido, a tese da *dialética da luta cultural* defendida por Hall, a partir da grande influência de Williams (1970), permite compreender que a vitalidade e a permanência da Festa do Círio não existem em decorrência da existência de certa tradição – mesmo considerando a tradição como elemento vital da cultura –, mas sim, em virtude de novos (re)arranjos, frutos de novas sensibilidades acerca do *sentir e fazer* a festa.

1 A cidade e a festa

“Belém das mangueiras” ou a “metrópole da Amazônia”, maior cidade da Região Norte, é uma cidade cheia de contrastes. O processo de urbanização de Belém do Grão Pará, que se intensifica a partir do século XX, sobretudo com o crescimento dos bairros pertencentes à Primeira Léngua Patrimonial para outras extensões geográficas, impõe uma mudança no cenário urbano, uma vez que novas áreas passam a integrar a cidade.

Como Belém foi edificada em uma ponta de terra à beira da Baía do Guajará, e seu entorno compreendia áreas de várzea que enchiam de acordo com o aumento do volume das águas da baía, a estratégia de povoamento desenvolvida, a princípio, foi a ocupação das beiras de terra que margeavam a baía. Posteriormente, inicia seu processo de expansão para áreas de terra firme (Codem-PA, 1979), literalmente de costas para a orla em direção a leste. (AMARAL, 2007).

De seu surgimento até os dias atuais, Belém tem crescido vertiginosamente. E esse crescimento, sobretudo nas últimas décadas, fez com que o seu espaço geográfico praticamente se unisse a outras regiões de seu entorno. Tal fenômeno acelera o processo de formação da área metropolitana de Belém, com o surgimento da chamada Região Metropolitana de Belém (RMB). Atualmente, a região metropolitana é composta por cinco municípios: Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Bárbara do Pará, e totaliza 1.794.981 habitantes, sendo que a maioria da população reside em zonas urbanas. Apenas o município de Belém possui 1.279.861 habitantes.⁷

E é interessante notar que, à medida que a cidade se expande para outras paragens, ficando praticamente entrelaçada aos municípios vizinhos, o mesmo também ocorre com a sua grande festa, ou seja, a Festa de Nazaré.

⁷ De acordo com o Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008).

Até metade da década de 70, os domínios da Festa, delimitados simbolicamente pelo percurso das Procissões da Trasladação e do Círio, limitavam-se ao espaço das ruas dos bairros da Cidade Velha, Reduto e Nazaré, demarcado pelos arcos – na verdade, dois arcos localizados em pontos que indicam a entrada (na Avenida Nazaré, esquina da Avenida Generalíssimo Deodoro) e a saída (na Avenida Nazaré, esquina com a Avenida 14 de Março).

Além do ritual sagrado, os arcos também delimitavam o espaço do mundo profano, ou seja, do Arraial de Nazaré, onde peças teatrais, exposições, brinquedos, danças e vendas de comidas típicas da região ocorriam durante toda a quadra nazarena.

Com o processo de metropolização e urbanização, que se intensifica em Belém na década de 70, com a Festa de Nazaré e seus espaços, também inicia um gradativo processo de modificações. A primeira delas diz respeito ao remanejamento do antigo Largo de Nazaré – Arraial – para um terreno cedido pela Polícia Militar, ao lado da Basílica de Nazaré.

Em 1982, na gestão de Alacid Nunes, governador do Pará, é construído, no lugar da antiga Praça Justo Chermont, o Centro Arquitetônico de Nazaré (CAN), que, com traços arquitetônicos modernos, indica que as propostas de renovação urbana de Belém têm como um de seus pontos fundamentais a modernização dos espaços da Festa.

Outro espaço social da festividade que também se ajusta ao cenário urbano da cidade é a Barraca da Santa. Na metade da década de 80 do século XX, o antigo prédio dá lugar a uma edificação de dois andares, onde passa a funcionar um salão de recepção, administrado pelo pároco da Basílica de Nazaré. Esse salão passa a ser utilizado – em períodos anteriores e posteriores à quadra nazarena – para diferentes eventos sociais.

Já o Centro Social da Basílica de Nazaré, construído em terreno cedido pela Polícia Militar do Estado do Pará, que atualmente abriga o parque de diversões (Centro ITA de Diversões) também abriga a loja *Lírio Mimoso*,⁸ a *Estação dos Carros*⁹ e a *Casa do Plácido*, considerada um “Centro de Acolhida” aos romeiros que chegam antes do Círio de Nazaré e durante o mesmo. A execução desse projeto foi organizada pelo Padre José Ramos das Mercês, atual Reitor da Basílica de Nazaré, e contou com doações de fiéis.

⁸ Loja administrada pela diretoria da festa, especializada na venda de imagens de Nossa Senhora de Nazaré e outros objetos religiosos. Foi inaugurada em outubro de 2005.

⁹ Local onde ficam guardados os carros que acompanham a procissão do Círio. Também serve de abrigo para a berlinda que conduz a Santa nas procissões – trasladação e Círio.

O reconhecimento da Festividade de Nazaré, como cenário devocional à Maria, não ocorre apenas pelo crescente número de fiéis nas procissões consideradas oficiais, que são organizadas pela diretoria da festa. Ao contrário, ele advém do surgimento de um movimento popular, a *caminhada de fé*, que, uma semana antes da abertura oficial da festa, começa a mudar a paisagem da Rodovia BR-316, principal rodovia que liga Belém a alguns municípios paraenses. Esse movimento, conhecido como *caminheiros da fé* ou *peregrinos da fé*, que começa no final da década de 70 e início dos anos 80 do século XX, tem os seus primeiros anos marcados por caminhadas de fiéis que saíam do Município de Castanhal¹⁰ e, em peregrinação, chegavam à Basílica como pagamento de promessas por graças alcançadas.

Com o crescimento gradativo da *caminhada da fé*, a diretoria da festa, em conjunto com a Arquidiocese de Belém, percebeu a oportunidade de requerer à festividade o reconhecimento da devoção mariana, marcada pela procissão de devotos e promesseiros em direção ao templo da Virgem de Nazaré. A providência é a criação da Casa do Plácido, um complexo arquitetônico composto de salão de repouso, refeitório, ambulatório e banheiros, para receber e acolher os devotos peregrinos da Virgem de Nazaré. Assim, com a criação da Casa do Plácido, a cidade também se modifica, pelo menos do ponto de vista do mercado de turismo, que passa a vender pacotes de turismo religioso para se conhecer a Basílica Santuário e a história de devoção a Nossa Senhora de Nazaré, que acontece na cidade de Belém.

E esse grande *marketing* aglutina diferentes poderes locais, como governos estadual e municipal, diretoria da festa, arquidiocese de Belém, agências de turismo, rede de hotelaria e hospedagem, grandes magazines, meios de comunicação (rádio, televisão e jornal) e agências de publicidade e propaganda.

Entretanto, embora a diretoria da festa, em conjunto com outros poderes locais, tente *controlar* o evento, definindo a sua *programação oficial*, outros setores, formados por devotos e promesseiros, também vão criando diferentes maneiras de vivenciar a Festa de Nazaré. É o caso da *Remaria*, uma espécie de romaria a remo, que sai no mesmo dia do Círio fluvial (sábado), cerca de uma hora antes da corveta,¹¹ e percorre o trajeto entre o Porto de Icoaraci¹² e o Ver-o-Peso.¹³ Essa romaria apareceu pela primeira

¹⁰ Município do Estado do Pará, pertencente à Mesorregião Metropolitana de Belém e à Microrregião de Castanhal. Dista 68 km da cidade de Belém.

¹¹ Navio da Marinha que transporta a imagem da Santa na procissão fluvial ou Círio fluvial.

¹² Icoaraci é um dos oito distritos em que se divide o Município de Belém.

¹³ O Ver-o-Peso é um mercado situado na cidade de Belém, localizado na rua Boulevard Castilho França, no bairro da Cidade Velha, às margens da Baía do Guajará. Ponto turístico e cultural da cidade, é considerada a maior feira ao ar livre da América Latina. (ALMEIDA, 2010).

vez no Círio de 2003, e foi idealizada pelo professor de Educação Física Evaldo Malato, que decidiu acompanhar a romaria fluvial de caiaque, com uma berlinda adaptada na ponta dianteira.

A romaria é apenas um dentre os vários eventos que são criados por diferentes grupos populares em louvor à Virgem de Nazaré. Ao lado desses eventos com forte caráter religioso, muitos outros voltados para o mundo profano também vão sendo agregados à festividade como um todo, como é o caso da Festa da Chiquita, do Arrastão da Pavulagem, do Auto do Círio, do Arraial dos Estivadores e das festas populares regadas às potentes aparelhagens de som, muito embora alguns desses eventos não sejam vistos com bons olhos pela arquidiocese e pela diretoria da festa.

É interessante observar que na Festa de Nazaré, a exemplo de outras festas religiosas de caráter devocional, o espaço social que agrega a festividade não é homogêneo, uma vez que apresenta roturas e quebras. (ELIADE, 2008). Essa ambivalência presente no espaço da festa é marcada pela dualidade. De um lado, tem-se um espaço significativo que compreende as dimensões sacras – reveladas nas diversas procissões, peregrinações e romarias – e, de outro, espaços não sagrados, marcados por festas pensadas e executadas por diferentes grupos sociais – artistas, intelectuais, homossexuais, estivadores, devotos – cada um, a sua maneira, externalizando diferentes sensibilidades de fazer e viver a Festa de Nazaré.

No tempo presente, uma vez que o espaço da festa é o espaço da cidade-metrópole, a imagem da Santa peregrina, a homenageada, para cobrir toda a extensão geográfica da festa, participa de uma verdadeira maratona, que envolve a articulação do governo estadual e de diversas prefeituras envolvidas (Belém, Ananindeua, Benevides, Marituba), de órgãos federais (como a Polícia Rodoviária Federal, a Marinha e a Capitania dos Portos), de veículos de comunicação de massa (rádio, jornal, televisão), de associações de bairros, de comunidades católicas, e também de várias organizações não governamentais.

O início dessa maratona ocorre na sexta-feira que antecede o Círio, quando acontece o *traslado* da imagem peregrina para os Municípios de Ananindeua e Marituba. Esse traslado tem um percurso de 48,5 quilômetros, que começa ao meio-dia e termina às vinte horas. O *Traslado para Ananindeua*, como ficou conhecida essa procissão, é realizado desde 1992.

Ainda na sexta-feira que antecede o Círio, durante a noite, ocorre no Largo do Carmo¹⁴ o evento ritualístico de caráter profano, conhecido como *Auto*

¹⁴ O Largo do Carmo compreende um complexo arquitetônico localizado no bairro da Cidade velha, núcleo inicial da cidade de Belém. Área valorizada como patrimônio histórico e cultural de Belém.

do Círio. Grosso modo, o cortejo lembra um pequeno carnaval europeu. Faunos, santos, heróis, diabos, índios e desgraçados dançam solenemente ao som do canto popular. Este evento de teatro popular é encenado em cinco estações, todas situadas às imediações da Igreja da Sé. Da primeira à última estação, o cortejo executa diversas coreografias, entremeadas de cânticos populares entoados por cantores locais. Todas imbricando sagrado e profano, e os personagens representam figuras comuns na Procissão do Círio – o pagador de promessas, o ribeirinho, o devoto, o anjo –, e também aquelas ligadas à cultura popular local – a Matinta Pereira, a Cobra Grande –, misturadas a outras figuras do imaginário popular europeu, como elfos, demônios, seres mitológicos, etc.

Inspirado nos teatros medievais, o Auto do Círio mantém sua estrutura performática pautada no teatro de rua, cuja característica plástica alia dramaticidade e comicidade na mesma proporção, até o início do século XXI. Nesse período, o mote da *performance* busca resgatar, na Festa de Nazaré, o lúdico, o festivo. E é exatamente esse componente lúdico, festivo, o que Bakhtin (1996) chama de riso rabelesiano, o riso da rua, da praça, da festa da vida, que vai de encontro ao tom sisudo, sério, formal, da cultura oficial. É o princípio cômico, carnavalesco, liberando homens e mulheres dos dogmatismos e dos padrões de comportamentos instituídos, libertando-os no encontro do corpo social consigo mesmo, nos grandes rituais, como é o caso do Círio de Nazaré, incluindo todos os seus elementos simbólicos.

Na contemporaneidade, embora o Auto do Círio esteja aberto a novas experiências e seja um evento que aparente possuir vida própria, sua trajetória está inexoravelmente associada à Festa de Nazaré e a um sentimento muito recorrente que define essa festividade como essencialmente ligada ao catolicismo popular, posto que

o catolicismo popular não tem peias, restrições, privações. Isso permite o comportamento folgazão das pessoas, divertindo-se alegremente e bebendo a ponto de terminarem o cortejo embriagados. Essas atitudes são condenadas por muitos, mas, na verdade, são tão esperadas como parte dos festejos de santo, assim como as rezas, as ladainhas, as missa, as procissões, o arraial, a festa dançante, as brigas, os namoros e tudo o mais que compõem uma verdadeira festa de santo. O catolicismo popular apresenta, assim, um componente lúdico que lhe é inseparável e que, a despeito das tensões que provoca na sua manifestação, permanece sempre presente, o que confere a categoria festa uma importância toda especial. (MAUÉS, 1995, p. 169).

Na manhã do sábado que antecede ao Círio, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré é levada pelos devotos em *romaria* rodoviária. Essa romaria foi criada pelo Sindicato das Empresas de Transporte de Cargas, e acontece desde 1989. Ela ocorre no sábado, véspera do Círio, e leva a imagem peregrina da Matriz de Nossa Senhora das Graças, em Ananindeua, para o Distrito de Icoaraci. Após a celebração religiosa na Igreja Matriz, os motoristas começam o trajeto pela BR-316 até o entroncamento, indo pela rodovia Augusto Montenegro até Icoaraci, parando no trapiche do distrito.

É desse trapiche que sai outra procissão: a *Romaria fluvial*, ou *Círio fluvial*. Conhecida também como *Círio das águas*, a romaria fluvial é realizada no sábado, véspera do Círio de Nazaré. O percurso de 10 milhas até a Praça Pedro Teixeira começa às nove horas, no trapiche de Icoaraci. A parada é em Belém, na Escadinha do Cais do Porto (ao lado da Estação das Docas), por volta das onze horas.

No ano de 2006, acompanhei o Círio fluvial como passageira do barco *Rodrigues Alves*, uma embarcação de grande porte fretada pela agência de turismo *Vale Verde*, que, nesse período, comercializa “pacotes” do Círio, nos quais está inclusa a romaria fluvial. Foi no interior dessa embarcação que registrei, em meu Diário de Campo, as seguintes observações:

[...] Nessa romaria, vários barcos de médio e pequeno porte enfeitados com balões brancos e amarelos – as cores oficiais do Vaticano – seguem a embarcação oficial que leva a imagem da Santa. Durante todo o percurso da procissão fluvial que, em média dura de 4 a 5 horas, é possível observar várias canoas de ribeirinhos nos diversos furos e igarapés que desembocam na baía do Guajará. Muitos deles trazem consigo, além da família, a imagem da Virgem de Nazaré, prostrada, solenemente por entre as mãos de uma mulher anônima, possivelmente batizada como Maria ou Nazaré, nome muito usual entre as famílias paraenses. Ainda nesse percurso se avistam, dependendo do tamanho e da proximidade da ilha, pequenas casas de madeira e seu trapiche que, enfeitados com bandeirinhas coloridas em diversos formatos, saúdam a passagem da Santa junto com seus moradores que aplaudem e acenam para o cortejo. Outros se prostram de joelhos nos assoalhos de madeira dos trapiches e em gestos de agradecimento, também reverenciam e pedem bênçãos à Virgem de Nazaré. Essa imagem que adorna todo o cenário da Romaria Fluvial é alegremente registrada em máquinas fotográficas digitais e filmadoras manuseadas por centenas de turistas que acompanham a procissão em vários barcos de empresas de turismo. Além desse cenário exótico que expressa a rica biodiversidade da região amazônica, os pacotes turísticos também incluem apresentação, nos palcos armados no interior das embarcações, de vários *shows* com artistas populares e

grupos folclóricos formados por dançarinas e dançarinos que bailam seus corpos morenos, cobertos com roupas coloridas e sensuais, ao som do legítimo carimbó de raiz. (ALMEIDA, 2006, p. 15).

Essa procissão foi criada em 5 de outubro de 1986, e o seu primeiro traslado contou com a participação de cerca de trinta barcos. Segundo fontes da Companhia das Docas do Pará, atualmente, mais de mil embarcações, entre barcos, lanchas, balsas e veleiros, participam do Círio fluvial.

No final de década de 90 do século XX, essa procissão começa a ser explorada de forma intensa pelas agências de turismo, na comercialização de pacotes turísticos do Círio de Nazaré. Tais agências de turismo, em conjunto com a rede de hotelaria da cidade de Belém, passam a usar, como estratégia de *marketing*, a ideia do *turismo espetáculo*. (SANCHÉZ, 1999 apud PEREIRA, 2007).

E a imagem da *Belém das águas* ou do Círio das águas, dentre todos os outros signos pertencentes às outras romarias e procissões, é a que melhor expressa o cenário exótico onde ocorre a maior manifestação cultural e religiosa da região que a abriga, ou seja, a região Amazônica.

Quando chega à Escadinha do Cais do Porto, na Praça Pedro Teixeira, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré é recebida com honras de Chefe de Estado, pela Polícia Militar, em Belém. A ocasião repete-se desde 1999, motivada pela Lei Estadual 4.371, de 15 de dezembro de 1971, que proclamou a Virgem de Nazaré padroeira do Estado do Pará e Rainha da Amazônia. Em sua chegada, a Santa é recebida pelos romeiros de outra procissão, a *Motoromaria*, que surgiu no Círio de 1990. A iniciativa foi da Federação Paraense de Motociclismo, que decidiu também prestar sua homenagem, acompanhando a imagem peregrina até o Colégio Gentil Bittencourt.

Quando a imagem da Santa chega ao Colégio Gentil Bittencourt, muitos fiéis, devotos e promesseiros já se encontram a sua espera para acompanhá-la na *Trasladação*. Essa procissão é realizada na noite do sábado que antecede o Círio de Nazaré. Depois de uma missa, às dezessete horas, realizada em palanque armado no jardim do colégio, os fiéis se dirigem em procissão à Igreja da Sé (Igreja Matriz de Belém), fazendo o mesmo percurso da procissão de domingo, mas em sentido inverso.

Após a passagem da Santa pela Avenida Presidente Vargas, em frente à Praça da República, mais precisamente em palanque armado no Bar do Parque,¹⁵

¹⁵ Localizado ao lado do Teatro da Paz, é uma réplica dos bares/café parisienses na época da Belle Époque. É ponto turístico e é frequentado por intelectuais, artistas e boêmios.

ocorre a mais polêmica festa profana em devoção à Virgem de Nazaré: a Festa da Chiquita. *A Festa da Chiquita é o lado carnavalesco do Círio*. Com essa frase, Eloy Iglesias¹⁶ define, em entrevista, o que considera ser a melhor expressão para falar do evento coordenado por ele há mais de duas décadas. Eloy também recorre à outra expressão, muito usual entre os participantes da Festa da Chiquita para defini-la, que é *o lado B da Festa de Nazaré*.

Quando a expressão é usada por Eloy e por seus pares, o sentido atribuído é o de dar visibilidade social aos sujeitos que produzem e vivem o evento, ou seja, gays, lésbicas, homossexuais, bissexuais e transexuais. Para esse grupo, a expressão *lado B* é assumidamente positiva, uma vez que procura forçar a sociedade local a enxergar para além do discurso da sexualidade pautado em um modelo da heterossexualidade, como bem evidencia Eloy em sua fala:

Dizer que a Festa da Chiquita é o lado B do Círio, na verdade, quer dizer que nós também existimos. É a nossa maneira de demonstrar nosso respeito a Nossa Senhora de Nazaré, que é a padroeira de todos nós, independente de nossa sexualidade. Sou católico e, assim como eu, muitos gays também são. É também a forma que temos para dizer pra sociedade hipócrita que existimos e que também festejamos o Círio de Nazaré.¹⁷

Por outro lado, o silêncio da elite dirigente da Festa de Nazaré e também de setores dominantes da sociedade local pode ser interpretado como o não reconhecimento da Festa da Chiquita e a sua não inclusão aos domínios da Festa de Nazaré, o que expressa o caráter da invisibilidade social imputada aos sujeitos responsáveis pela realização do evento.

Após a chegada da imagem da Santa à Igreja da Sé, Catedral Metropolitana de Belém, localizada no bairro da Cidade Velha,¹⁸ bem em frente ao Forte do Castelo – marco histórico de fundação da cidade de Belém –, é celebrada uma missa pelo Arcebispo de Belém, saudando a Virgem e os milhares de romeiros que lotam a Praça Dom Frei Caetano Brandão. É, portanto, em

¹⁶ Ator, compositor, cantor, performance e artista popular. Iniciou sua carreira nos anos 70 do século XX. É idealizador da Festa da Chiquita – homenagem do movimento GBTL à Virgem de Nazaré e que homenageia personagens expressivos – artistas, intelectuais, representantes de movimentos sociais – da sociedade paraense. Fonte: Entrevista concedida em 25 de agosto de 2008.

¹⁷ Idem.

¹⁸ O Bairro da Cidade Velha é o mais antigo de Belém. É o marco de fundação da cidade. Nesse espaço, tiveram início a dominação e a ocupação da Amazônia pelos portugueses. Hoje, abriga um conjunto arquitetônico precioso dos séculos XVII ao XIX, que retrata a memória plástica e cultural da região.

frente à Catedral de Belém e nos espaços da praça, que os promesseiros que acompanharam a Trasladação encontram os que vão acompanhar a Procissão do Círio na corda e os que vão fazer vigília em frente à igreja em louvação a Nossa Senhora. Todo esse movimento frenético é acompanhado atentamente por turistas que lotam as imediações desses espaços, nitidamente surpresos e emocionados com as expressões de devoção, alegria e folia vividas, simultaneamente, por diversos e diferentes grupos sociais.

Da Trasladação para a Procissão do Círio não demora. Aliás, parece que essas duas procissões estão interligadas, já que o intervalo que marca o término da primeira e o início da segunda é, em média, de aproximadamente seis horas. Aliado a esse aspecto, também tem o fato de a cidade de Belém amanhecer literalmente acordada. De sábado para domingo, Belém não dorme. O movimento nos bares dos centros urbanos e de áreas periféricas é intenso. Nos clubes populares, as festas são regadas pelo potente som das aparelhagens no ritmo da música local – o Brega.¹⁹

Após a missa matinal celebrada pelo Arcebispo de Belém, tem início o cortejo mais importante da festividade de Nazaré, a Procissão do Círio. Em um percurso de 3,5 km, a berlinda que conduz a imagem da Santa é *puxada* pela corda, que é conduzida por uma imensa massa humana formada por promesseiros e devotos de Nossa Senhora de Nazaré. Fazem parte do cortejo do Círio, além da corda e da berlinda, treze carros – Carro dos Milagres, Carro do Caboclo Plácido, Barca dos Escoteiros, Barca Nova, Carro do Anjo Custódio, Barca das Velas, Carro do Anjo Protetor da Cidade, Barca Portuguesa, Carro dos Anjos I, Barca com Remos, Carro dos Anjos II, Carro da Santíssima Trindade e o Cesto das Promessas. Esses carros, que são conduzidos por integrantes da Guarda da Santa, seguem à frente da berlinda e, em seu interior, são depositados os ex-votos, ou seja, as promessas feitas à Virgem de Nazaré.

Das doze procissões que formam o complexo ritualístico da Festa de Nazaré, apenas a Trasladação e o Círio possuem o mesmo percurso, porém, em sentido inverso, já que a Trasladação leva a Imagem da Basílica Santuário para a Igreja Matriz, e o Círio conduz a Santa da Igreja Matriz para a Basílica de Nazaré, no Centro Arquitetônico de Nazaré, onde permanece durante os quinze dias da quadra nazarena. Do ponto de vista sociológico, são essas duas procissões que representam simbolicamente o mito do achado da imagem da Santa pelo caboclo Plácido.

¹⁹ Termo que designa a música popular paraense, com influência da música caribenha. Os artistas que são orientados por essa vertente musical denominam esse ritmo de *Calipso Fest*.

Ao longo do percurso, a Santa recebe várias homenagens. Ao passar em frente ao Mercado do Ver-o-Peso, é saudada pelos trabalhadores do mercado com queima de fogos. Na Estação das Docas, é a vez dos estivadores e arrumadores saudarem a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, com a queima de toneladas de fogos. Quando a berlinda finalmente chega ao Centro Arquitetônico de Nazaré, ocorre a celebração de missa para abençoar promesseiros e devotos que acompanharam todo o cortejo.

Como a festividade de Nazaré dura quinze dias, é óbvio que os seus festejos não se encerram com o almoço do Círio – importante momento para as famílias – que ocorre após a procissão maior da Festa que é o Círio propriamente dito. Todavia, até o final da década de 80 do século XX, somente mais duas procissões ocorriam pós-Círio: a Procissão da Festa e o Recírio, esta última marcando o encerramento da festividade.

Até esse período, após a realização do Círio, os dias de festividade vividos na quadra nazarena eram marcados por programações exibidas em palanques armados no Arraial de Nazaré ou Largo de Nazaré, e pelas exhibições artísticas patrocinadas pela diretoria da festa, na Barraca da Santa. E as programações, muito mais profanas do que sacras, não eram vistas com bons olhos pelo poder clerical.

Assim, como os dias de festividade não podiam ser diminuídos sem que isso causasse embates e prejuízos a outras esferas de poder local, a estratégia encontrada foi a introdução de novas procissões à estrutura do ritual da festa, como é o caso da *Cicloromaria*, da *Romaria da Juventude*, da *Romaria das Crianças*, da *Procissão da Festa* e do *Recírio*.

A *Cicloromaria* é a mais nova de todas as procissões. Surgiu em 2004, após aprovação, pela Diretoria da Festa, do pedido da Federação dos Ciclistas do Pará e da Associação dos Ciclistas de Icoaraci. Essa procissão acontece sempre no sábado posterior à Festa do Círio, às oito horas da manhã.

A *Romaria da Juventude*, por sua vez, surgiu em 2001, e é realizada também no sábado posterior ao Círio, só que às dezoito horas. Essa é a vez de os jovens homenagearem a Virgem de Nazaré. A *Romaria das Crianças* ocorre no primeiro domingo após o Círio. Nessa procissão, é a vez de as crianças irem às ruas prestar homenagem à Virgem. Para Pe. Ramos, essa romaria foi criada com o objetivo de “construir e fortalecer a devoção mariana entre os pequeninos”.²⁰ Essa procissão começa às oito horas da manhã, saindo da Praça Santuário, e percorre várias ruas do Bairro de Nazaré. Já a *Procissão da Festa* é a terceira romaria mais antiga, depois do Círio e da

²⁰ Padre José Ramos das Mercês, reitor da Basílica de Nazaré. Entrevista concedida em 11 de agosto de 2007.

Trasladação. Segundo Roque (1981), o primeiro registro dessa procissão é do ano de 1881. É realizada na manhã do segundo domingo após o Círio, depois da celebração de uma missa, e acompanhada pela Diretoria da Festa de Nazaré e pelas comunidades que fazem parte da Basílica Santuário.

O *Recírio* é o momento de encerramento da festividade nazarena, quando os paraenses se despedem da Santa padroeira. Essa procissão acontece quinze dias após a grande procissão de domingo, numa segunda-feira, e começa após uma missa campal, realizada na Praça Santuário, às seis horas. Às sete horas, a imagem da Virgem de Nazaré é conduzida à capela do Colégio Gentil Bittencourt, onde fica até o Círio seguinte.

Nesse sentido, a incorporação à festividade de novas procissões à primeira vista tão diferentes pode ser pensada como mecanismo da cultura de massa, *mediando* essas possíveis diferenças, já que os dispositivos desta mediação acham-se assim ligados estruturalmente aos

[...] mecanismos no âmbito da legitimidade que articula a cultura: uma sociabilidade que realiza a abstração de forma mercantil na materialidade tecnológica da fábrica e do jornal, e uma mediação que encobre o conflito entre as classes produzindo sua resolução no imaginário, assegurando assim o consentimento ativo dos dominados. Essa mediação e esse consentimento, no entanto, só foram historicamente possíveis na medida em que a cultura de massa foi constituída acionando e deformando ao mesmo tempo sinais de identidade da antiga cultura popular e integrando ao mercado as novas demandas das massas. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 175).

Na contemporaneidade, a diretoria da festa – que previamente *pensa* a festa – desenvolve um movimento que busca, antes de tudo, definir e controlar os diferentes eventos que surgem, frutos de movimentos sociais que veem, na festa, uma oportunidade de reverenciar a padroeira dos paraenses, mas, também, de produzir uma homenagem à sua *maneira*, que, em muitos casos, vai de encontro à normatização do evento pelos diferentes poderes que reivindicam seu controle e domínio. Nesse sentido, passam a fazer parte da programação oficial da festa somente os eventos *reconhecidos* como sagrados, já que expressam em sua ritualização a relação simbólica com a Santa.

E esse alargamento da sacralização da festa para além de seu núcleo original – no caso, os Bairros: Cidade Velha e Nazaré – coloca a cidade de Belém, pelo menos durante a quadra nazarena, em estado de *hierofania*, que Eliade (2008) define como manifestação do sagrado. Nesse sentido, todos os espaços que fazem parte da geografia do lugar – terra e água – se

completam, já que, por e através deles, a imagem da Virgem de Nazaré é consagrada.

Na mesma proporção é possível pensar a cidade e a festa como elementos imbricados no mesmo processo cultural, o Círio de Nazaré. Um processo cultural que, em vez de ser o lugar de onde as diferenças sociais são definidas (MARTÍN-BARBERO, 2006), passa a ser o lugar onde tais diferenças são encobertas e negadas, mediadas pela devoção à Virgem de Nazaré.

2 A festa, o mercado e os meios de comunicação

Na atualidade, a Festa do Círio tornou-se um complexo evento que envolve ampla produção midiática, um orçamento altíssimo advindo de recursos captados no grupo de patrocinadores oficiais e um grande investimento em propagandas voltadas para a área do turismo.

De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos do Pará (Dieese-PA, 2008), cerca de dois milhões de fiéis acompanharam a Procissão do Círio em 2007, e suas análises da movimentação da economia do estado mostram o quanto a Festa de Nazaré tem contribuído de forma expressiva em praticamente todos os setores, com destaque para o comércio, a indústria, o serviço e turismo.

Nesse processo, as diversas tradições e sentidos simbólicos articulados à devoção de Nazaré e ao seu festejo são resgatadas pelas agências de propaganda e publicidade, bem como por agências de turismo, para vender a imagem da cidade de Belém como a *cidade espetáculo*, cujo espaço geográfico entrecortado por rios e igarapés é o cenário da maior *festa de fé* da Região Amazônica.

É essa ideia central que estampa as peças publicitárias produzidas pela agência CA de Publicidade, na homenagem que o governo do Estado do Pará veicula em jornais, *outdoors* e televisão local, durante a Festa de Nazaré dos anos de 2007 e 2008. Essa campanha publicitária em homenagem ao Círio fala de todas as Marias que saem de suas casas para louvar outra Maria, a Maria mãe de Deus. Nessas peças, o governo do Estado do Pará, conduzido pela primeira vez por uma mulher – Ana Júlia Carepa – do PT – Partido dos Trabalhadores, alia sensibilidade ao relacionar a Virgem de Nazaré – elemento sagrado – à mãe humana – simbolizada pelos três modelos maternos –, que, tal como Nossa Senhora, carrega seus filhos no colo. Todavia, a mensagem veiculada nessa peça estende-se para além do explícito, já que, simbolicamente, ao mesmo tempo em que o

Estado do Pará é protegido por sua padroeira, o paraense pode se sentir protegido e acolhido por seu governante, que também é mulher.

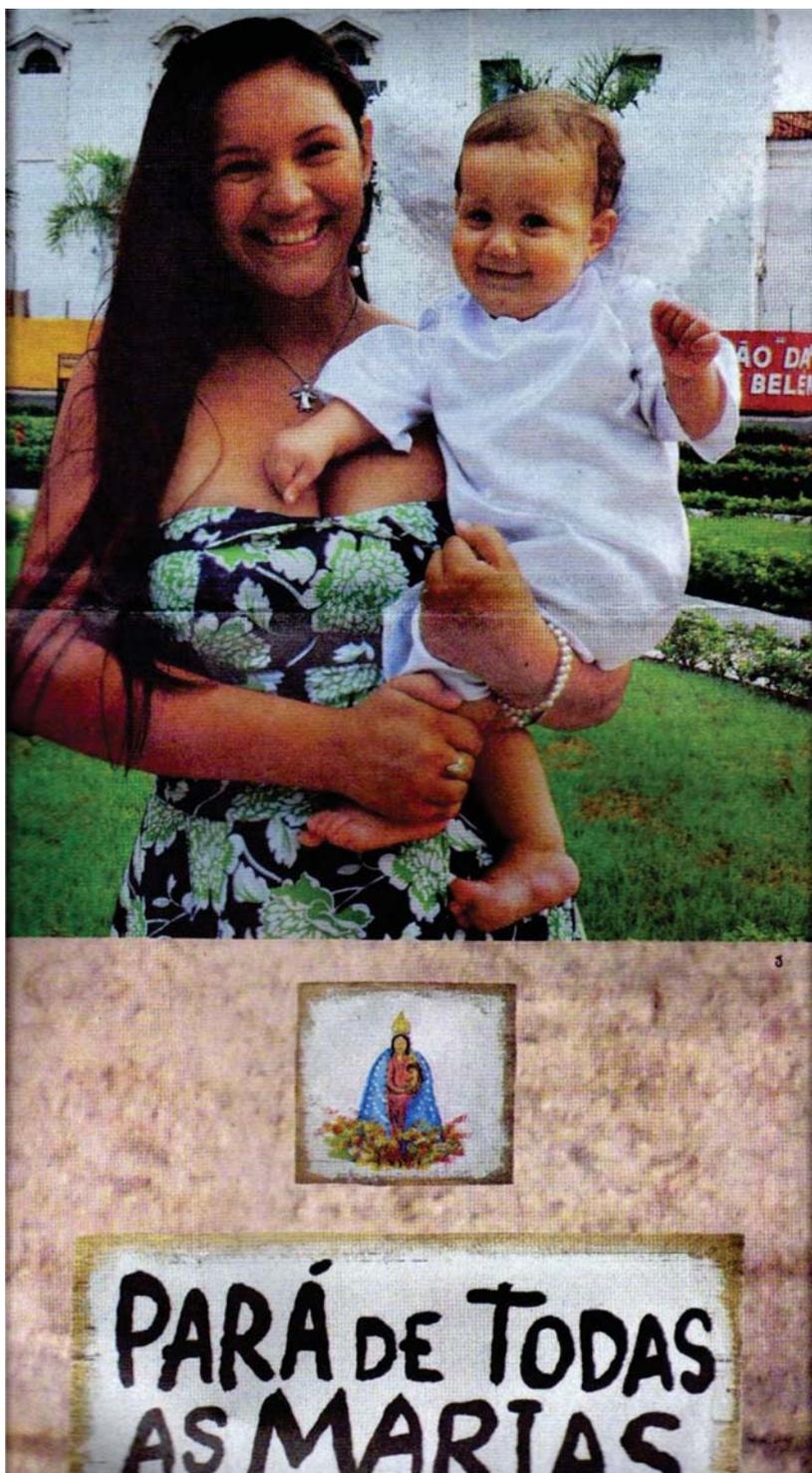
Seguem as peças:

Figura 1 – Maria dos Rios



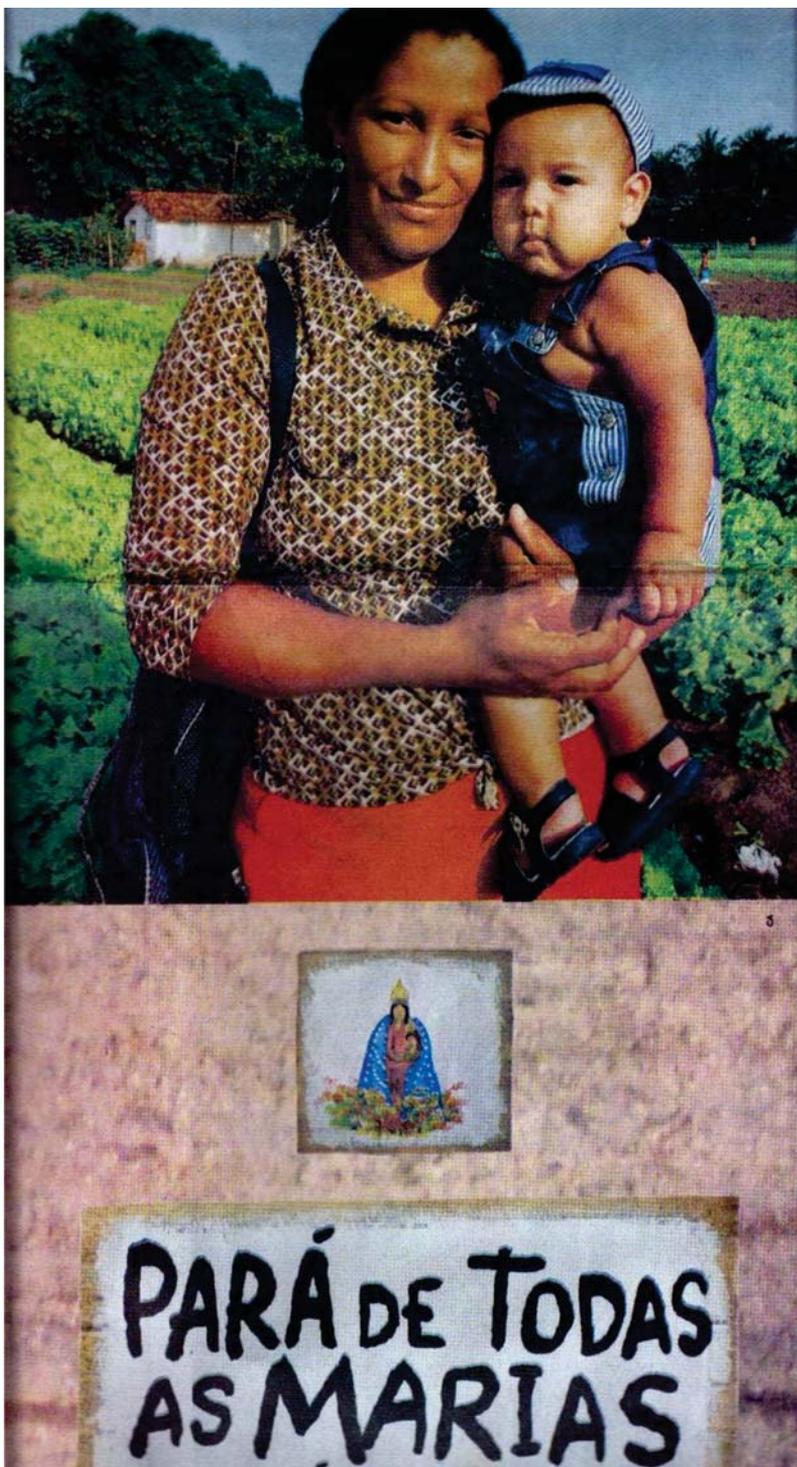
Fonte: Jornal Diário do Pará, Caderno Especial, 12 de outubro de 2008.

Figura 2 – Maria da Cidade



Fonte: Jornal Diário do Pará, Caderno Especial, 12 de outubro de 2008.

Figura 3 – Maria do Campo



Fonte: Jornal Diário do Pará, Caderno Especial, 12 de outubro de 2008.

As peças acima representam a Maria dos Rios, a Maria da Cidade e a Maria do Campo. A primeira – Maria do Rio – traz uma mulher sentada em uma canoa carregando seu filho. Ao fundo, as águas de um igarapé e, no interior da embarcação, além dos pertences pessoais, o pato preso em um cesto de fibra vegetal – típico de áreas ribeirinhas. A segunda peça – Maria da Cidade – localiza a mulher com seu filho ao colo em um espaço público – possivelmente uma praça pública. A veste da criança sinaliza para uma prática cultural muito recorrente na procissão do Círio – os anjos. Aliás, no cortejo do Círio, dois carros – o Carro dos Anjos I e II – saem carregados de crianças de todos os tamanhos, vestidas de anjo. Já a última peça – Maria do campo – contém a imagem de uma mulher no meio de uma plantação de verduras. O espaço revelado na imagem é similar àqueles encontrados em zonas agrícolas no Estado do Pará. Neste caso, as três peças publicitárias sinalizam uma espécie de cartografia da Festa de Nazaré – o rio, a cidade e o campo – todos territórios visitados pela Santa, quando da execução das diversas procissões que fazem parte da programação oficial do Círio de Nazaré.

De acordo com fontes pesquisadas, essa tendência de evidenciar peças publicitárias que divulgam diversos produtos e serviços relacionados com a Festa de Nazaré, fazendo uso de expressões linguísticas locais e de outros signos visuais que relacionam a cidade de Belém com o caboclo Plácido e com as águas de rios e igarapés, tem seu marco na metade da década de 90 do século XX, e se intensifica no período contemporâneo. A seguir, duas peças publicitárias que utilizam praticamente a mesma mensagem em seus textos:

Figura 4 – Peça publicitária da Celpa – Rede de Energia/PA



Fonte: Jornal Diário do Pará, Caderno Especial, 12 de outubro de 2008.

Essa peça publicitária da Rede Celpa,²¹ produzida pela Agência Galvão de Publicidade e veiculada nos principais jornais de Belém, tem como tema *As cores vivas da fé*. O texto enfatiza que as cores do Círio estão nas ruas, nos rios e na *alma de nossa gente*. Na mensagem, espaço e gente se confundem com as cores da festa, ou seja, com as cores da fé. A imagem utilizada na peça compreende a junção de quatro quadros com cores distintas – verde, azul, vermelho e amarelo. No interior do quadro verde, a ideia é destacar aspectos contidos no Estado do Pará e na Festa de Nazaré, mas que se estendem para além de sua territorialidade, já que a ideia contida na ilustração – pagadores de promessa – pode ser encontrada em qualquer outro(a) estado e cidade brasileira que tenha a cultura da devoção a santos. No quadro de cor amarela, o destaque é para a logomarca da Rede Celpa, que está no Pará e também em outros estados e regiões brasileiras. Quando se cruza o quadro verde com o amarelo, o que aparece são as cores da bandeira brasileira. No contraponto, estão os quadros nas cores vermelha e azul. No quadro azul, o forte da ilustração é a Basílica e os devotos do Círio, e, no vermelho, a frase *Círio, as cores vivas da fé*. O cruzamento desses dois quadros remete à bandeira do Estado do Pará. As ilustrações que servem de fundo para os quadros das cores verde e azul evidenciam o artesanato de brinquedos em Miriti, produzido no Município de Abaetetuba e comercializado durante toda a quadra nazarena.

²¹ Centrais Elétricas do Pará – Celpa.

Figura 5 – Peça publicitária da Alcoa – Minas de Juruti/PA

**Alcoa em festa
com o Pará.**

A Alcoa se orgulha da parceria com o Pará e de fazer parte
de uma das maiores celebrações do Estado.
Bom Círio a todos!

SUSTENTABILIDADE É A NOSSA NATUREZA.

The advertisement features a stylized illustration at the bottom showing two figures in a game. One figure in a blue shirt and white pants is using a mallet to strike a ball. The other figure in a red shirt and blue pants is holding a mallet. The background is a simple landscape with a green field and a yellow sky. The entire advertisement is framed by a decorative border.

Fonte: Jornal Diário do Pará, Caderno Especial, 12 de outubro de 2008.

Essa peça publicitária, produzida pela agência Temple Publicidade, é uma homenagem da Alcoa²² – Minas de Juruti/PA ao Círio de Nazaré. A imagem utilizada é a de bonecos de Miriti, que simbolizam o trabalho de agricultores que *pilam* arroz e milho. A frase de fundo diz: *A Alcoa se orgulha da parceria com o Pará e de fazer parte de uma das maiores celebrações do Estado. A seguir, diz: Sustentabilidade é a nossa natureza.* Os dois bonecos de Miriti, trabalhando em parceria, fazem alusão à Alcoa, cuja marca é a sustentabilidade da natureza, e o Estado do Pará, que se preocupa com o seu patrimônio natural e cultural. Aqui, é pertinente considerar a intenção implícita na elaboração do discurso veiculado na peça publicitária em questão. A Alcoa-Minas de Juruti/PA se ocupa com a extração de minérios – bauxita. A peça publicitária, longe de retratar o processo de extração deste minério, cola sua imagem à cultura local da produção de arroz e milho, alimentos que fazem parte da dieta alimentar da população local. Ao fazer este deslocamento, a Alcoa quer ser vista como aquela empresa preocupada com o meio ambiente e a sustentabilidade da economia local.

É interessante observar que muito antes do uso de signos expressivos da festa por parte de setores ligados à política e economia local, os meios de comunicação massivos, como o jornal e o rádio, desde o início do século XX, já aparecem vinculados ao evento do Círio de Nazaré.

Assim, da mesma maneira que a festividade não está alheia às influências da imprensa local – já que ela, a imprensa, também se “digladiá” com os diferentes setores que disputam a festa – também não fica à margem do processo de urbanização da cidade e da crescente inclusão dos meios de comunicação de massas em seus diversos espaços sociais. Ao contrário, o Círio de Nazaré, por fazer parte da história e da(s) cultura(s) da cidade de Belém, também é capturado pelos avanços tecnológicos, o que vai possibilitar a sua expansão cada vez mais crescente para outras paragens. E o marco para esse processo pode ser percebido na primeira transmissão ao vivo da procissão, ocorrida em 1928, pela pioneira e extinta PRC-5 Rádio Clube do Pará. Três décadas depois, mais precisamente no ano de 1954, com a inauguração da Rádio Marajoara, ocorre a transmissão do Círio para algumas áreas interioranas próximas à cidade de Belém.

O domínio da transmissão do Círio pelas emissoras de rádio local mantém-se, ininterruptamente, até o início da década de 60 do século XX. Todavia, em 1961, a primeira rede de TV instalada na cidade de Belém, a TV

²² A Alcoa é uma das três maiores empresas de alumínio no mundo, junto com a Rucan e a Rusal. Extrai minérios no município paraense de Juruti, no Oeste do Pará. A unidade de Alcoa-Juruti é dedicada à mineração e ao beneficiamento primário da bauxita. Opera desde setembro de 2009 sob uma reserva de cerca de 700 toneladas métricas de minério, um dos maiores depósitos de bauxita do mundo.

Marajoara, consegue a proeza de realizar a primeira transmissão do Círio. Essa transmissão, em branco e preto, executada quase que de forma artesanal, alia, de uma só vez, áudio – que até a década de 50 era mérito exclusivo das rádios – e imagem em movimento. Aliás, esse fato histórico ficou muito bem registrado na memória de Dona Evangelina, uma mulher de 81 anos, franzina, de tez branca e expressivos olhos azuis, cuja família, de origem portuguesa, fez fortuna em terras paraenses com o comércio de tecidos finos vendidos para as damas da sociedade local, no final do século XIX e início do século XX. Eis um trecho de sua narrativa:

[...] Lembrar aquele dia é como se fosse hoje. Minha mãe não pode me levar, eu tava doente e fiquei em casa. Então, eu pedi para meu irmão deixar a televisão ligada... E eu vi tudinho... A Santa, quando passou, eu não acreditava, porque parecia que eu estava lá, juntinho dela. A televisão ainda era em preto e branco, mas era tão bonito, todo mundo rezando, cantando... Eu vi tudo, e acompanhei pagando minha promessa de Joelho na sala de casa, em frente à televisão.²³

A narrativa de Dona Evangelina, extraída de suas lembranças, é extremamente significativa, uma vez que retrata a importância desse momento para a história da Festa de Nazaré, ou seja, o momento em que o evento é capturado, definitivamente, pelos circuitos dos meios de comunicação de massa contemporâneos. Embora seus efeitos tenham se tornado visíveis a partir da década de 80, nela (na narrativa) já se identifica uma nova categoria sociológica que estabelece intermediações entre o(a) devoto(a) e a Santa, ou seja, a televisão. Nesse caso, por meio das imagens geradas de maneira extremamente precária, o devoto, mesmo estando em um outro lugar, ao enxergar a multidão, a Santa em sua berlinda e a massa humana puxando a corda que conduz a Virgem, projeta-se para o espaço telereel, substituindo o tempo social da festa por um novo tempo: o das mediações.

²³ Dona Evangelina dos Santos Nascimento, 81 anos, solteira, aposentada, natural de Belém e moradora do Bairro do Umarizal. Entrevista concedida, na Basílica Santuário, em 28 de setembro de 2005.

Considerações finais

A Festa de Nazaré é o maior evento cultural do Estado do Pará. É uma festa que, ao longo de sua existência, tem agregado novos sentidos e sensibilidades, fruto dos embates e diálogos que tem mantido com diferentes setores que a disputam por seus domínios.

Sua permanência como ícone da cultura local é fruto de várias modificações, provenientes também dos vários conflitos e das tensões geradas pelos diferentes setores – elite eclesiástica, diretoria da festa, estado, devotos, agências de turismo, agências de publicidade e mídia. Cada um, a sua maneira, tem uma visão da festa e, dependendo das relações de poder, tenta estender seus modos de *sentir* e *viver* a todos os espaços que a festa alcança e para além dela.

Nesse sentido, no caminho que tracei na construção deste artigo, mostrei a relação que essa festa, em seu movimento de transformação, mantém com a cidade de Belém, com o mercado e com os meios de comunicação. Em outras palavras, procurei mostrar que as primeiras modificações observadas na estrutura ritual da festa estão intimamente relacionadas ao processo de expansão e urbanização que a cidade de Belém começa a sofrer a partir da década de 70 do século XX.

Nesse sentido, com a inclusão definitiva da transmissão do Círio na programação oficial das redes de TVs locais, essa festividade vai aos poucos se deslocando do estritamente local para o âmbito nacional e, mais tarde, também para o internacional.²⁴ Essa ampliação de espaços dá ao Círio, a Festa de Nazaré, uma dimensão que, em épocas anteriores, não era observada, uma vez que outros elementos ritualísticos são incluídos à festividade como um todo. Até a relação que o devoto mantém com a Santa, sua padroeira, também se modifica, pois, se em períodos anteriores era impossível “acompanhar” o Círio, estando-se em outras paragens, com a “modernidade”, esse sentimento é dissolvido, já que, ajudado pela internet ou pelo celular, ou até mesmo pelas memórias subjetivas, o devoto, mesmo longe, sente o “cheiro” da festa e o clima devocional.

Nesse contexto, o constante processo de *modernização* da cidade traz consigo novas dimensões a essa festividade, uma vez que ela passa a congregar vários aspectos culturais representativos de manifestações culturais específicas, como é o caso do catolicismo devocional, das festas

²⁴ No final do século XX, com a crescente modernização tecnológica – a internet, por exemplo – o Círio também é transmitido simultaneamente para outros países, principalmente para aqueles com predomínio da religião católica.

populares embaladas pelas poderosas aparelhagens de som que animam romeiros, promesseiros e devotos nos bairros periféricos de Belém, do evento Auto do Círio e da Festa da Chiquita, todas elas vinculadas à chamada cultura popular. Ao lado dessas manifestações, outras também são incorporadas no sentido de reforçar aspectos da cultura sacra, como é o caso das “novas” procissões incorporadas ao calendário oficial do Círio. Essas manifestações culturais estão diretamente vinculadas ao catolicismo sacramental e, conseqüentemente, à elite dirigente (eclesiástica e laica) da festividade.

Todavia, ao mesmo tempo em que essas manifestações culturais podem ser pensadas e consideradas como relacionadas à cultura da elite dirigente, é possível considerá-las também como fazendo parte da cultura de massas, sobretudo porque a imagem da Santa, associada a propagandas e anúncios de serviços, é capaz de “vender” a festa e, fundamentalmente, vender os produtos a ela vinculados. Nesse aspecto, é a cultura de massas que irá impor uma nova estética visual à própria festa e, também, à cidade como um todo.

O imbricamento entre a cultura local e a de massas (HALL, 2006), através das diversas manifestações culturais que compõem o corpo estrutural da Festa de Nazaré, marcadamente a partir da década de 80 do século XX, é resultado do constante processo de ressignificação que os diferentes grupos, sujeitos, pessoas passam a dar à própria festividade e a seus diversos símbolos. Nesse sentido, a crescente *modernidade* da Festa do Círio pode ser interpretada como ressignificações que permitem à festa a sua continuidade no encontro de diferentes vozes proferidas por diferentes sujeitos que, embora conflitantes – porque possuem perspectivas de mundo e de vida diferentes –, são capazes de tecer a trama social de vivências festivas que fazem de Belém do Grão Pará, especificamente no mês de outubro, uma cidade polifônica e globalizada.

Essa é a Festa de Nazaré na contemporaneidade. Um espaço multifacetado, polifônico e conflitante, uma vez que é fruto do diálogo e do embate de forças envolvendo diferentes setores sociais. Ao mesmo tempo em que ele pode ser considerado como espaço da cristalização do catolicismo devocional popular (MAUÉS, 1995), porque não tem peias, restrições ou privações e, simultaneamente articulado ao popular/massivo (MARTIN-BARBERO, 2006), também pode ser considerado o lugar da dialética cultural (HALL, 2006), posto que essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas de resistência e aceitação; recusa e capitulação, que transformam seu espaço no espaço do embate, da batalha permanente, com vitórias e perdas sucessivas.

Por fim, a Festa de Nazaré também é o espaço de *articulação de diferenças culturais*, ou melhor, *o entre-lugar* (BHABHA, 2007), já que fornece, permanentemente, o terreno para estratégias de subjetivação, as quais, por sua vez, dão início à inclusão de novos signos, sentimentos e subjetividades no interior da própria festa.

Referências

ALVES, Isidoro Maria da Silva. *O carnaval devoto: um estudo sobre a Festa de Nazaré*, em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim. *Diário de campo: observações in loco sobre a festa*. Caderno II: Belém, 2006.

ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim. *Círio de Nazaré: A festa da fé e suas (re)significações culturais*. 2010. Tese (Doutorado em História Social) – PUC, São Paulo, 2010.

AMARAL, Márcio Douglas Brito. *Estado e políticas urbanas na Amazônia: a experiência das intervenções urbanas na orla fluvial de Belém*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 2007, Belém. *Anais...* Belém: Campus Universitário do Guamá, 2007. p. 45-46.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e o Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1996.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CANCLINI, Nestór Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2006.

CODEN-PA. Companhia de Desenvolvimento Econômico do Pará. *Dados históricos do processo de formação da cidade de Belém, 1979*, Belém, Setor Arquivos, Livro II.

COELHO, Geraldo Mártires. *Catolicismo devocional: o culto da Virgem de Nazaré no Pará Colonial*. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (Org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec, 2001. (Coleção Estante USP – Brasil 500 anos, 03).

CRUZ, Ernesto. *O uso da berlinda de Nossa Senhora de Nazaré*. Belém: UFPA, 1967.

DIEESE-PA. *Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – Pará. Site institucional.* São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/>>. Acesso em: 25 out. 2008.

DUBOIS, Pe. Florêncio. *A devoção à Virgem de Nazaré em Belém do Pará.* Belém: Imprensa Oficial, 1953.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões.* São Paulo: M. Fontes, 2008.

ENCARTES ESPECIAIS SOBRE O CÍRIO. *Jornal Diário do Pará*, Belém, 2006/2007.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais.* Belo Horizonte: UFMG, 2006.

JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão Pará.* São Paulo: M. Fontes, 1960.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico – Um estudo antropológico no interior da Amazônia.* Belém: Cejup, 1995.

MOREIRA, Eidorfe. *Visão geo-social do Círio.* Belém: Universidade Federal do Pará, 1971.

PEREIRA, Iacimary Socorro de Oliveira; LIMA, Paulo Castilho. Reurbanização e legalização: projetos que contribuem para a valorização das baixadas de Belém. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 12., 2007, Belém. *Anais...* Belém: Campus Universitário do Guamá, 2007. p. 1-345.

ROQUE, Carlos. *História geral de Belém do Grão-Pará.* Belém: Distribel, 1974.

ROQUE, Carlos. *História do Círio e da Festa de Nazaré.* Belém: Mitograph, 1981.

VIANNA, Arthur. *Festas populares do Pará: I – A Festa de Nazareth.* Belém: Typographia de Alfredo Augusto Silva, 1904.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade.* São Paulo: Nacional, 1970.

Site:

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Site institucional.* Distrito Federal, 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.